

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0257-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.572221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra está organizada em dezoito capítulos que ressoam e repercutem nas áreas de Linguística, Letras e Artes. Traz discussões atuais em diversas temáticas, como o papel da mulher, do negro e do indígena e cultura. Tais abordagens foram tratadas com maestria pelos respectivos autores, que relacionaram as questões educacionais, sociais e individuais dos sujeitos sob o viés da própria linguagem artística.

Outras temáticas abordadas nesta obra nos convidam a refletir sobre situações da atualidade, como a pandemia e a invisibilidade do ser e os depoimentos de educadores acerca do fazer docente em tempos de pandemia sob o viés da análise de discurso. Ainda sobre o processo educacional, discute-se sobre neurociência cognitiva e comportamental e suas influências na educação, destacando os prováveis transtornos de aprendizagem.







Como manifestação artística, a literatura também se faz presente neste livro, percorrendo distintas realidades escritas por autoras e autores pertencentes a diversos períodos. Temos a contemporânea Adriana Vieira Lomar, a ancestralidade e resistência nas obras de Euclides Neto, os diálogos entre Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, a linguagem estilística de Eva Furnari, entre as leituras e leitores de Machado de Assis e um estudo de caso entre Perón e Wilde. São produções que auxiliam o leitor a explorar os aspectos estilísticos da linguagem poética, das produções narrativas, bem como da dramaturgia.

Por fim, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos. Este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas, poetas, musicistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em ressoar e repercutir esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A POESIA ÁRABE FEMININA NO PERÍODO DA JAHILIYA: TRADUÇÃO COMENTADA DE VERSOS DE AL-KHANSA E AL- KHIRNIQ	
Isabela Alves Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051	
CAPÍTULO 2	9
O CHORO EM SÃO LUÍS: RETRATOS DO CHORO NA CAPITAL MARANHENSE DO FINAL DO SÉC. XIX	
Raimundo João Matos Costa Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052	
CAPÍTULO 3	16
A ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA COMO JOGO: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA RECRIAÇÃO DE PERÓN EM WILDE	
Felipe Vieira Valentim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053	
CAPÍTULO 4	27
A PANDEMIA DA INVISIBILIDADE DO SER	
Paula Valéria Gomes de Andrade	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054	
CAPÍTULO 5	29
TRAVESSIA: A BUSCA DO HOMEM HUMANO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Wcleverson Batista Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055	
CAPÍTULO 6	43
A MANIPULAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM “UM HOMEM CÉLEBRE”, DE MACHADO DE ASSIS	
Francisco Rangel dos Santos Sá Lima	
Cícero Nilton Moreira da Silva	
Mirna Maria Félix de Lima Lessa	
Getuliana Sousa Colares	
Daniela Katêrine de Oliveira	
Nayara Maranthya da Conceição Gurgel	
Vivianne Caldas de Souza Dantas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056	
CAPÍTULO 7	54
CONHECENDO A NEUROCIÊNCIA COGNITIVA E COMPORTAMENTAL E SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO, DESTACANDO OS PROVÁVEIS TRANSTORNOS DE	

APRENDIZAGEM

Ingrid Raposo Ramos

Marilei Arruda da Rocha Caballero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217057>


CAPÍTULO 8..... 61

ÚRSULA: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA OBRA

Ana Cleia Silva Pereira

Josilene dos Santos Sousa

Solange Santana Guimarães Morais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217058>

CAPÍTULO 9..... 68

MÍMESIS ZERO E O AFETO COMO GERADOR DE EFEITOS EM *ALDEIA DOS MORTOS*, DE ADRIANA VIEIRA LOMAR

Jerusa Silva Nina de Azevedo da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217059>

CAPÍTULO 10..... 80

LEITURAS E LEITORES DE *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE ASSIS


Valdiney Valente Lobato de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170510>

CAPÍTULO 11..... 96

PROJETO CIRANDA DA LEITURA

Sílvia Letícia Oliveira dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170511>

CAPÍTULO 12..... 106

A LINGUAGEM ESTILÍSTICA DA OBRA LITERÁRIA DE EVA FURNARI

Micheli Cristiana Ribas Camargo

Cristina Yukie Miyaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170512>

CAPÍTULO 13..... 116

DEPOIMENTOS DE EDUCADORES ACERCA DO FAZER DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA, UM ESTUDO SOB O VIÉS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Noelma Oliveira Barbosa





 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170513>

CAPÍTULO 14..... 131

HENRIQUETA LISBOA & MÁRIO DE ANDRADE: UM DIÁLOGO SOBRE OS “TRÊS POEMAS DA TERRA”

Ilca Vieira de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170514>

CAPÍTULO 15.....	149
AS CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA EM “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Lincoln Felipe Freitas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515	
CAPÍTULO 16.....	158
ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA NO ROMANCE <i>A ENXADA E A MULHER QUE VENCEU O PRÓPRIO DESTINO</i> , DE EUCLIDES NETO	
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516	
CAPÍTULO 17.....	167
O MITO DE ORIGEM DO <i>KENE</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E ARTE	
Heidi Soraia Berg	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517	
CAPÍTULO 18.....	184
SOBRE ONTO-EPISTEMICÍDIO & FOLCLORIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POVO NEGRO E INDÍGENA NUM LIVRO DE HISTÓRIA DO BRASIL	
Mário Martins Neves Junior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	209
ÍNDICE REMISSIVO.....	210

CAPÍTULO 6

A MANIPULAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM “UM HOMEM CÉLEBRE”, DE MACHADO DE ASSIS

Data de aceite: 02/05/2022

Data de submissão: 03/03/2022

Francisco Rangel dos Santos Sá Lima

Mestrando em Ciências da Linguagem pela UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
<http://lattes.cnpq.br/4815513502932967>

Cícero Nilton Moreira da Silva

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará
<http://lattes.cnpq.br/3089186720597223>

Mirna Maria Félix de Lima Lessa

Especialista em Arte-educação pela FTRD- Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro
<http://lattes.cnpq.br/2590133228328778>

Getuliana Sousa Colares

Mestra em Educação pela UFC- Universidade Federal do Ceará
<http://lattes.cnpq.br/9689245234065799>

Daniela Katêrine de Oliveira

Mestranda em Ciências da Linguagem pela UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
<http://lattes.cnpq.br/6333810502589135>

Nayara Maranhya da Conceição Gurgel

Mestranda em Ciências da Linguagem pela UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
<http://lattes.cnpq.br/7696327425853296>

Vivianne Caldas de Souza Dantas

Mestranda em Ciências da Linguagem pela UERN- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
<http://lattes.cnpq.br/7696327425853296>

RESUMO: Entendendo a literatura como meio de registro histórico e social, neste ensaio, pretendemos evidenciar aspectos da subordinação da produção artística às exigências comerciais, bem como suas consequências para a relação de subjetividade e exterioridade do artista no conto “Um homem célebre”, de Machado de Assis. O protagonista Pestana, compositor de polcas, possui uma vida dividida entre seu desejo de equiparar-se aos grandes gênios da música erudita e sua real condição criadora, influenciada por razões mercadológicas de uma indústria fonográfica que não enxerga a música como uma aglutinação de critérios estéticos intrinsecamente influenciados pela singularidade criadora do artista, mas supervaloriza a produção em série, em detrimento do reconhecimento da sua própria individualidade. Dessa forma, procedemos à discussão das consequências da produção em série e a repercussão dela na vida da personagem, conforme acenado anteriormente, a partir de estudos relacionados à teoria da indústria cultural, elaborada por Adorno e Horkheimer (1985), e de teóricos afins, debruçados sobre o texto objeto desse estudo, tais como Melo (2004), Sousa (2009), Sousa e Sampaio (2011). Não sendo possível abordar a indústria da cultura sem mencionar o sistema capitalista, nos valem também das discussões

sobre o Capitalismo Mundial Integrado, presentes em Guattari (1990).

PALAVRAS-CHAVE: Indústria Cultural; Pestana; Machado de Assis.

THE CULTURAL INDUSTRY'S MANIPULATION ON ARTISTIC CREATION IN "A FAMOUS MAN", BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: By understanding literature as a means of historical and social recording, in this work, we intend to enhance aspects of subordination of artistic production to commercial demands, and also its consequences for the relationship of subjectivity and exteriority of the artist in the short story "A Famous Man" [original title: "Um Homem Célebre"], written by Machado de Assis. The protagonist Pestana, a polka composer, has a life divided between his wish to be equal to the great geniuses of classical music and his real creative condition, inspired by marketing reasons of a phonographic area that does not observe music as an agglutination of aesthetic criteria, intrinsically influenced by the artist's creative authenticity, but overvaluing series production, at the expense of the recognition of their own individuality. Thereby, we carry out to the discussion of the consequences of the series production and its repercussion in the character's life, as already mentioned, from studies connected to the theory of the cultural industry, developed by Adorno and Horkheimer (1985), and from similar theorists, elaborated on the text subject of this study, such as Melo (2004), Souza (2009), Souza and Sampaio (2011). Considering that it is not possible to approach the cultural industry without mentioning the capitalism system, we make use of the discussions on Integrated World Capitalism as well, found in Guattari (1990).

KEYWORDS: Cultural industry; Pestana; Machado de Assis.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Machado de Assis é um dos mais renomados escritores da literatura brasileira. Seus textos revelam um caráter contemporâneo, pois remetem a situações e contextos ainda próximos de nossa época. Assim como nos romances como "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó", "Ressurreição", entre outros que ressaltam capítulos dedicados à arte da música, são nos contos, também, que encontramos textos como "Um homem célebre", que suscitam a problemática da "descaracterização na música, a partir de fins lucrativos" (MELO, 2004, p.124). Neste conto, acompanhamos a trajetória de Pestana, compositor de polcas, um gênero musical dançante bastante comum no final do séc. XIX, e seus problemas perante a nova ordem mercadológica-cultural vigente.

Trata-se de uma inversão de valores artísticos, em que tudo está subordinado às necessidades do mercado, até a produção artística, desprovendo a música de certos critérios estéticos em favor da popularização. É escusado um trabalho duradouro para tal criação, visto que há todo um aparato financeiro em torno do artista, forçando-o a lançar músicas em série que agradem homoganeamente às massas, dispensando qualquer esforço maior de interpretação subjetiva, sendo a música destinada apenas à mera diversão. A respeito dos filmes, por exemplo, que não diferem tanto assim no que concerne à dominação econômica

aplicada sobre a música, afirmam Adorno e Horkheimer:

Eles são feitos de modo que a sua apreensão adequada exige, por um lado, rapidez de percepção, capacidade de observação e competência específica, e por outro é feita de modo a vetar, de fato, a atividade mental do espectador se ele não quiser perder os fatos que rapidamente se desenvolvem à sua frente (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.16).

A partir do século XIX, vivenciamos um crescente processo de industrialização mundial e o Brasil já estava se adequando às novas realidades. A arte, que antes era concebida como uma ligação entre o homem e o divino, passa a distanciar-se cada vez mais dessa característica, tendo cada produto artístico vinculado a fins lucrativos. Esses lucros só são atingidos conforme a popularidade que ganham seus produtos. Eis a grande pressão da indústria fonográfica: a massificação. As novas condições sociais e econômicas desfizeram-se dos critérios universais caracterizadores da arte, e assim firmaram a imposição da uniformidade aos consumidores.

A igreja católica institui no Brasil por muito tempo a sua influência sobre a música, sendo “a base da música erudita brasileira, em razão principalmente, dos resquícios de país colonizado que o Brasil possui” (MELO, 2004, p.129). Sendo assim, não se é de admirar que a Europa, centro exportador mundial da arte, tivera o papel fundamental de refletir suas tendências artísticas no Brasil. Mas a hegemonia da música sacra perde exclusividade no Primeiro Império, passando a dar vez também à música clássica, que ganha grande notoriedade no Segundo Império. A música clássica, nos primórdios da República, assume papel importante para a campanha abolicionista e republicana, sendo estagnada no fim do seu primeiro centenário.

Entrementes, surge, nas festas de adro das igrejas, a música de barbeiro, uma primeira tentativa de nacionalização da música brasileira, opondo-se “aos músicos das bandas das fazendas, com preocupação orquestral e geralmente dirigidos por professores europeus” (MELO, 2004, p.131). Vale ressaltar que esse tipo de música, originado das classes menos favorecidas, veio com o intuito de distanciar-se dos modelos vigentes da época. Devido à forte procura pela música de “porta de igreja”, essa modalidade extingue-se, pois surgem “bandas de músicas mais bem organizadas” (MELO, 2004, p. 131), favorecendo o aparecimento de outras manifestações populares, como os frevos, as marchas, etc.

Essas contraposições entre estilos mais organizados e outros mais espontâneos se deram por consequência de já nessa época estarem distintas classes estratificadas. Aliás, só se pode falar em música popular mediante a existência de outra, a pertencente às classes dominantes.

Em seguida, teremos a importância das bandas militares para a inclusão de outros estilos de músicas, vindos da Europa, tais como as valsas e as polcas, que muito divertiam a burguesia da época, ansiosa por marcar presença em bailes, salões e cerimônias,

ilustrando sua inclusão à moda europeia. Segundo Melo,

Não devemos esquecer que esse processo de aceleração e expansão da base industrial-cultural do produto musical alterou, em boa parte da música, os critérios de sua criação. Saímos do enaltecimento da qualidade artística do produto para suas qualidades comerciais. Isto queria dizer que, embora enquanto criação artística devesse reger-se por padrões estéticos, a música popular passou a reger-se pelas leis do mercado (MELO, 2004, p.134).

Machado de Assis presenciou esse processo de depreciação da arte por uma sociedade faminta em consumir o que é passageiro, em detrimento de uma arte engajada por critérios estéticos bem elaborados. Ora, uma vez passageiras e substituíveis, percebe-se que há um curto processo de criação, haja vista o consumo enlouquecido pelo que chamavam de novo, fato este propiciado por uma condição de alienação. Refletindo sobre essa temática degradante da música, Machado escreve o conto “Um homem célebre”, que aponta um certo prenúncio do que mais tarde levaria o nome de indústria cultural, por Theodor Adorno e Max Horkheimer.

2 | PESTANA: DA SINGULARIDADE ARTÍSTICA À ANULAÇÃO DOS SEUS IDEAIS

Em “Um homem célebre”, acompanhamos a vida de um compositor de grandes sonhos: ele queria ser um clássico, compor músicas que detivessem o mesmo brilho e frisson presente nas de Mozart, Beethoven, Gluck, Bach, Cimarosa, Schumann, seus ícones. Mas de nada adiantava, Pestana tentava em vão. Havia a figura de um editor que o pressionava a produzir suas polcas, que eram as músicas escutadas na época. No piano, tocava a música clássica com destreza, entusiasmo, pois correspondiam às aspirações da sua alma de grande artista.

No início do conto, num sarau íntimo oferecido pela Viúva Camargo, em comemoração ao seu aniversário, ela pede a Pestana que toque uma quadrilha, o qual “gentilmente” atende ao seu pedido. Mas agora a viúva faz um segundo pedido, que lhe incomoda:

Pestana fez uma careta, mas dissimulou depressa, inclinou-se calado, sem gentileza, e foi para o piano, sem entusiasmo. Ouvidos os primeiros compassos, derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram às damas, e os pares entraram a saracotear a polca da moda. Da moda, tinha sido publicada vinte dias antes, e já não havia recanto da cidade, em que não fosse conhecida (ASSIS, 2003, p.18).

Ele fez careta, mas disfarçou, consentiu e atendeu ao pedido. Havia um Pestana que se entristecia com a banalização da música e odiava suas composições. Mas não era este o Pestana que deveria ter voz naquela sociedade. Deveria ficar calado, reprimido, cultuando seus clássicos no seu santuário secreto, pois essas aspirações não correspondiam aos gostos estabelecidos como aceitáveis. Havia, ao mesmo tempo, dois sujeitos: um sensível à arte, amante dos clássicos e das refinadas músicas; outro, um sujeito obediente às

necessidades da indústria fonográfica.

De um lado, tínhamos um homem que reivindicava sua singularidade; de outro, um profissional que respondia a critérios rigorosos em sua labuta: músicas para a população, agradáveis aos ouvidos de todos. Para melhor compreendermos essa dualidade entre o mundo interior de Pestana e o meio, tomaremos como exemplos os conceitos de macrocosmo e microcosmo, elaborados por T. Adorno e M. Horkheimer, expostos em Melo (2004):

A totalidade – representada pelo macrocosmo- significa o meio no qual estamos inseridos. É o conjunto de nossos hábitos, costumes, cultura... ela é difundida como sendo o universal. Acredita-se que esse macrocosmo expressa um sistema total e verdadeiro, ou seja, todos aqueles que pertencem ao meio assim o estão porque possuem características naturais comuns. Entretanto, essa totalidade não é representada pelo total, pois nela não estão contidas as partes constitutivas. Ou seja, o que pensamos ser um ambiente criado naturalmente pelo homem, na verdade não é. Algumas partes - representadas pelo microcosmo - estão ausentes do total. Estão ausentes por não se inserirem no que um sistema econômico sólido e poderoso dita como o moralmente aceitável (ADORNO e HORKHEIMER, 1985 *apud* MELO, 2004, p.144-145).

Isso significa que se vive num mundo onde a liberdade individual é anulada, esmagada. Faz parte do sistema capitalista no qual Pestana se inclui essa padronização das individualidades, o aplainamento dos gostos. Uma voz dissonante significa uma barreira à massificação (GUATTARI, 1990). Existem valores universais compreendidos no macrocosmo, do qual o indivíduo faz parte. Faz-se necessário neutralizar os ideais mais íntimos em nome deste todo, que detém regras rígidas e uniformes para assim equilibrar as individualidades humanas, uma vez que elas não interessam ao sistema dominante.

Na era da indústria cultural, eleva-se o que é comum a todos, o semelhante, em detrimento do que venha a ser novo ou imprevisível. Ou, ainda, segundo GUATTARI (1990, p. 51): “[...] O que condena o sistema de valorização capitalístico é seu caráter de equivalente geral, que aplaina todos os outros modos de valorização, os quais ficam assim alienados à sua hegemonia”.

Neste caso, seria então o meio falso por não representar de fato o total? Adorno e Horkheimer (1985) argumentam que também os indivíduos não são o que aparentam. Ora, sabemos que a todo o momento devemos nos comportar na vida cotidiana conforme modos de agir que não necessariamente nos correspondem, para estarmos de acordo com regras e sistemas de valores simbólicos regidos por entidades superiores.

A consequência dessa dominação implica padronizar as necessidades da sociedade. Milhões de pessoas são consumidoras da indústria, impossível seria oferecer para cada uma delas um produto distinto, em consonância com seu gosto individual. Então, notamos que a indústria cultural revela unicamente os interesses do macrocosmo. As obras de arte assumem importante papel para a disseminação dessa dominação, uma vez que são

apreciadas pelas massas, mas, ao mesmo tempo, servem não para elevar a contemplação estética, a subjetividade interpretativa, mas para emoldurar um gosto uniforme e previsível, desprovido de estranhamento. Afinal,

A vida não deve mais, tendencialmente, poder se distinguir do filme sonoro. Superando de longe o teatro ilusionista, o filme não deixa à fantasia e ao pensamento dos espectadores qualquer dimensão na qual possam - sempre no âmbito da obra cinematográfica, mas desvinculados de seus dados puros - se mover e se ampliar por conta própria sem que perca o fio (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.16).

O objetivo deste prolongamento da vida tal como ela é nos filmes sugere que se desenrola um processo de alienação do indivíduo, ao ponto de ele chegar a confundir sua vida com aquele produto artístico imposto, justamente por não haver separação entre ambos. Quanto mais objetivo for o produto artístico, mais será aclamado, porque a ausência de esforço subjetivo para enxergar os primores estéticos é a regra, já impregnada e estabilizada na mentalidade do sujeito.

É compreensível que ninguém poderia deter-se na contemplação musical de Pestana. Nada havia de diferente da vida dos seus fãs. Todos entendiam as polcas perfeitamente, caso contrário, não passariam pelo crivo do editor. Essa exclusão do trato estilístico da obra em nome da popularidade é manifestada em um dos diálogos de Pestana com seu editor. Vejamos:

Veio a questão do título. Pestana, quando compôs a primeira polca, em 1871 quis dar-lhe um título poético, escolheu este: *Pingos de Sol*. O editor abanou a cabeça, e disse-lhe que os títulos deviam ser já de si, destinados à popularidade, ou por alusão a algum sucesso do dia, - ou pela graça das palavras; indicou-lhe dois: *A lei de 28 de Setembro*, ou *Candongas não Fazem Festa*. - Mas que quer dizer *Candongas* não fazem Festa? Perguntou o autor. - Não quer dizer nada, mas populariza-se logo. (ASSIS,2003, p.21-22).

A liberdade de escolha de Pestana em escolher um título que melhor lhe parecer conveniente é limitada. Ele deverá aceitar um título que não esteja em dissonância com o que é comum, que caia no gosto popular. A indicação de dois títulos pelo editor mostra que qualquer outro título seria válido, considerando que também as músicas não carregavam nada de novo, podendo ser chamadas de qualquer coisa que faça alusão a uma data ou a uma anedota.

Segundo Sampaio e Sousa,

[...] o processo de composição parece-lhe enranhado no cérebro, e seria ingênuo limitar este fato a um dom inerente ao artista. Além de conhecedor de música, Pestana também é objeto de uma ideologia que conduz massas, a mesma na qual estão imersos os consumidores desse tipo de arte (SAMPAIO; SOUSA,2011, p.163).

Esse imediatismo proporcionado por títulos que diminuem a apreensão lírica, sem requinte de construção algum, evidencia o quanto estava a música se distanciando dos

ideais estéticos clássicos, cultuados, em silêncio, por nosso compositor.

Como poderia Pestana atribuir um nome tão poético tal qual “Pingos de Sol” à sua composição, visto que o editor privilegia a efemeridade, o passageiro? O singular e o novo são banidos: “por todos os lados impõem-se espécies de invólucros neurolépticos para evitar precisamente qualquer singularidade intrusiva” (GUATARRI, 1990, p. 54). Ganha-se mais dinheiro com produções que são esquecidas para que outras venham e, assim, sucessivamente. Pestana não domina sua produção, todas as maneiras de expressar suas aptidões intrínsecas a sua essência são evitadas. Ele não é dono desse sistema de “reprodução da cultura”, podendo ser facilmente substituído por qualquer outro (MELO, 2004, p.155).

Pestana era aclamado pela população como um homem célebre, todos o consideravam um notável artista. O estilo de música o qual produzia era caracterizado por uma rápida adesão do público:

Da moda, tinha sido publicada vinte dias antes, e já não havia recanto da cidade, em que não fosse conhecida (...) Já perto de casa viu vir dois homens; um deles, passando rentezinho com o Pestana, começou a assobiar a mesma polca, rijamente, com brio, e outro pegou a tempo na música, e aí foram os dois abaixo, ruidosos e alegres, enquanto que o autor da peça desesperado, corria a meter-se em casa (ASSIS, 2003, p. 19-19).

Parece que as produções de Pestana o perseguem, como se adquirissem forma humana, aterrorizando-o. Não seria por isso a sua fuga? Uma tentativa de esquivar-se dessa hipocrisia? Afinal, de nada interessava os anseios de nosso artista, pelo contrário, buscavam nele um homem exuberante e talentoso. Tudo o que o seu interior desmentia ser, pois as polcas lhe eram odiosas.

Essa sociedade que o elevou à condição de célebre, em seus bailes, festas e saraus, estava satisfeita por ter à sua mesa um homem brilhante. Por isso, enchiam-no de glórias e elogios. O narrador nos diz que, no sarau particular oferecido por Viúva Camargo, ela e a Sinhazinha Mota não pouparam-no de “finezas, tais e tantas, que a mais modesta vaidade se contentaria de as ouvir; ele recebeu-as cada vez mais enfadado, até que alegando dor de cabeça, pediu licença para sair” (ASSIS, 2003, p.19). Para esta senhorita, talvez Pestana fosse um Deus, tal como a grandiosidade que ela absorvia das suas composições, devido à sua forte alienação em associar tais atributos ao que não apenas era consumida pelas pessoas, mas que as consumia: a indústria da cultura.

Nosso protagonista, em algum momento, se enfureceu contra essa manipulação que cerceava sua autonomia criadora, mandando as polcas para o inferno. Mas, notemos, ele só poderia dizer isso “de madrugada, ao deitar-se” (ASSIS, 2003, p. 22), longe de alguém que testemunhasse essa afronta à indústria cultural. Além disso, as polcas não obedeciam, não desciam aos infernos. Teimosas, preferiram assustá-lo na terra: “Vinham à casa do Pestana, à própria sala dos retratos, irrompiam tão prontas que ele não tinha mais

que o tempo de as compor, imprimi-las depois gostá-las algum dia aborrecê-las e tornar às velhas fontes, donde não lhe manava nada” (ASSIS, 2003, p. 22).

O objeto produzido, a polca, assume as características do pianista. Em outras palavras, como se ele tivesse se tornado objetificado, neutralizando sua própria identidade e capacidade criadora em um processo definido pelos teóricos da indústria cultural como anulação. Anulação, porque o homem com sentimentos é mortificado e ignorado, e vigora o homem brilhante, endeusado.

Esse fetichismo confere valores às pessoas de acordo com o que elas têm, ou seja: seu status social e seus bens. No caso de Pestana, suas composições. Cabe ressaltar que é a partir dos estudiosos de Frankfurt, principalmente com Adorno e Horkheimer, na década de 1940, que essa relação é estendida, também, à cultura, especialmente para os produtos simbólicos. Mais uma vez, é notável a percepção machadiana em representar, na literatura, esse sistema, no final do século XIX.

As pessoas endeusavam Pestana porque obedecia à risca os sistemas de valores convenientemente tidos como corretos. O “Capitalismo Mundial Integrado” possui valores homogeneizadores, tidos como fortes e seguros. É completamente banido algo que venha a causar um choque ou mudar o gosto das massas:

[...] A subjetividade capitalística, tal como é engendrada por operadores de qualquer natureza ou tamanho, está manufaturada de modo a presumir a existência contra toda intrusão de acontecimentos suscetíveis de atrapalhar e perturbar a opinião (GUATTI, 1990, p. 34).

Esses “acontecimentos” despertariam uma ameaça. Afinal, “o que é diferente passa a ser um risco para a perpetuação do sistema, pois o público pode não gostar” (MELO, 2004, p. 164).

Por ter perdido as forças, que já não queriam “ir contra a corrente”, contra a uniformização midiática,

a fama do Pestana dera-lhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polcas; mas o primeiro lugar da aldeia não contentava a este César. Que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas centésimo em Roma (ASSIS, 2003, p.25-26).

Ou, ainda, há um segundo motivo, ele na verdade decidiu “ser o falso Pestana, o pianista ganha a celebridade como prêmio” (MELO, 2004, p.171). Fortes eram os fatores que obrigavam Pestana a sepultar não somente a esposa, mas também os planos de uma carreira clássica, “vendera a casa para saldar dívidas, e as necessidades iam comendo o resto, que era assaz, escasso” (ASSIS, 2003, p.24). Precisava de dinheiro para se manter, era um homem em um sistema capitalista.

As noites recolhidas em seu santuário particular da sala dos fundos é o momento de conexão de Pestana com sua solidão. Não estava completo, estava dissociado e ao mesmo tempo próximo dos artistas dos retratos. Como poderia ser um grande artista desprovido

de grandes e eternas obras, ou melhor, barrado até mesmo antes de fantasiá-las? Pestana não tinha o direito de dar-se ao luxo da excentricidade, deveria agradar àquela classe média que o sustentava e, com careta ou sem careta, gostando ou não gostando, deveria tocar nos bailes e festas as polcas que odiava. Pestana, então, divide-se em dois: o que corresponde à sua essência (o verdadeiro) e o que corresponde às necessidades da indústria fonográfica (o falso Pestana).

O verdadeiro Pestana existe quando ele odeia sua arte vendida e os seus consumidores e ama seus “santos”. Também é o verdadeiro Pestana quando tenta se esconder, lutar, rebelar-se. O outro era o maquinizado, o técnico, o opaco, quando tocava músicas “sem exasperação, sem pedir nada ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene (ASSIS, 2003, p. 21). Dessa divindade nosso homem célebre se distanciava.

Há um descompasso: o herói em questão vive numa incompatibilidade entre seu mundo interior e o mundo coletivo. Por isso, enclausura-se, contempla os retratos dos seus ídolos. Não admite viver esta realidade, mas está preso e rende-se a ela. O herói problemático moderno sofre por não ter mais o amparo dos deuses. Está por si só, sua sobrevivência depende unicamente dele, sem poder recorrer a quaisquer intermédios (cf. GOUVEIA, 2011). Pestana sofre com sua condição, mas não procura entender as razões dela, o invólucro econômico-cultural no qual estava inserido. O compositor, evitando aprender com as novas transformações, prefere isolar-se, insiste em renegar sua arte afável para o macrocosmo, em função de uma outra, que estava acima de seus frustrados esforços.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio buscou discutir as consequências da produção em série na vida do personagem Pestana, do conto “Um homem célebre”, de Machado de Assis. Vimos que o esforço subjetivo e a liberdade criadora do artista assumem papéis subordinados. O que interessa, na vigência da indústria da cultura, é a venda de produtos artísticos que homogeneizam os gostos. O que vem a ser novo é visto como uma ameaça à padronização do consumo, que dispõe de rígidos moldes prescritos como aceitáveis.

Observamos que há uma repetência, um esforço insistente de Pestana pela busca da originalidade, mas é esmagado pela produção em série. A dominação imposta sobre nosso artista é tamanha, alienando-o em sentido literal. Afinal, não lhe foi possível descobrir um “antídoto” capaz de livrá-lo da manipulação empreendida sobre ele. No final da vida, Pestana atinge o auge da sua anulação humana. Este é o Pestana que seguiu todas as imposições e consegue sua fama como compositor. Já não tinha as “náuseas” dos tempos de sonhador.

Nosso herói morre antes de compor as polcas prometidas ao editor, “de bem com

os homens e de mal consigo mesmo” (ASSIS, 2003, p. 26). Vem à mente a ideia de que ele está preso eternamente a essa figura. Pestana, mera peça substituível, cederia o seu lugar a quaisquer outros Pestanas que aparecessem. Morre sem nunca ter feito uma reflexão sobre os motivos que o impediam de ser aquele verdadeiro Pestana, amante da arte e do bom gosto. Na condição de artista, também era obrigado a não refletir sobre os motivos do sistema ao impor receitas prontas à confecção de suas obras.

Longe de acabarem, as discussões possíveis de serem trabalhadas nesse conto são inúmeras. Partindo da análise do conto de Machado de Assis, podemos enxergar que, já no século XIX, estava subordinada a arte aos valores do mercado, subordinação esta refletida na literatura. A busca pela originalidade passa a encarar múltiplas barreiras e alcançar o posto de artista é uma questão de melhor saber controlar as especificidades do microcosmo, visto que somente o convencional a todos importa, preponderante na construção dos modelos massificadores dos produtos culturais. O que escapa aos valores prescritos pelo sistema dominante massificador vem a ser esmagado. Concluímos que a morte do protagonista representou também a anulação dos seus ideais e aspirações, que são dispensáveis à ordem mercadológico-cultural.

O artista não mais é apreciado por obras estéticas requintadas, mas por obras de valores efêmeros, que agradem homogeneamente às massas. Pestana, cedendo às ordens estabelecidas pela indústria fonográfica vigente, no Rio de Janeiro do final do século XIX, deveria assumir duas facetas. De um lado tínhamos o amante das obras clássicas e do bom gosto e, de outro, tínhamos o compositor de polcas, vendido à indústria. Uma dessas duas pessoas, apresentadas até aqui, deveria morrer. Morre o homem com territórios existenciais reprimidos, que ansiava ser um grande clássico. Este tipo de homem não tinha espaço naquela sociedade, que já dispunha de padrões rígidos de massificação musical: o que escapasse deles seria, decerto, banido.

Machado de Assis teve a sensibilidade de depreender a manipulação do Capitalismo Mundial Integrado sobre a criação artística, no final do século XIX. As imposições do mercado de consumo sobre os produtos culturais ainda vigoram, as massas ainda compartilham de um mesmo sentimento de uniformidade em relação às modas, às tendências, aos bens, etc. Quanto menos critérios estéticos e tempo na elaboração de produtos culturais, melhor. Ganham os agenciadores, ganham os artistas midiáticos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ASSIS, M. de. **Contos escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p.18-26.

GOUVEIA, A. **Teoria da literatura**: fundamentos sobre a natureza da literatura e das Categorias narrativas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução: Marina Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papius, 1990.

MELO, A. C. de. Machado de Assis e a indústria cultural. In: GOUVEIA, A.; MELO, A. C. de. (orgs.). **Dois ensaios Frankfurtianos**. João Pessoa: Ideia, 2004, p.127-191.

SOUSA, W. L. de. O arquétipo grego em Machado de Assis: a imagem de Sísifo refletida em Pestana em *Um Homem Célebre*. In: GOUVEIA, A. (org.) **Machado de Assis Desce aos Infernos**. João Pessoa:2009, p.119-126.

SOUSA, W. L. de; SAMPAIO, L. R. A indústria Cultural em Dois Contos Brasileiros. In: GOUVEIA, A.; SEVERO, S. (orgs.). **Machado de Assis Desce aos Infernos**. 2.ed. João Pessoa: Ideia, 2011, p.157-176.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acontecimento enunciativo 116, 117, 120, 122, 129

Afetos 31, 57, 158, 159, 162, 163

Agricultura familiar 158, 166

Al-Khansa 1, 2, 5, 7

Al-Khirniq 1, 5, 6, 7

Alteridade 121, 167, 176, 181, 182

Ancestralidade 158, 159, 163, 166, 187, 195

Atividades remotas 116, 117

C

Canto 161, 167, 175, 177, 178, 179, 180

Choro 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 57

Cognição 54, 57, 58, 59

Competência lexical do falante 106

D

Desterritorialização 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157

Discurso docente 116

G

Guimarães Rosa 29, 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 75, 76, 149, 150, 151, 152, 155, 157

H

Henriqueta Lisboa 131, 132, 133, 137, 140, 141, 144, 145, 147

História 2, 7, 9, 11, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 25, 26, 29, 30, 31, 36, 40, 42, 56, 57, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 90, 100, 106, 114, 115, 118, 120, 122, 128, 129, 130, 131, 139, 140, 141, 143, 144, 148, 157, 164, 165, 166, 168, 169, 171, 178, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208

I

Identidade 30, 50, 67, 73, 109, 158, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 176, 181, 182, 185, 198, 208

Imagem-símbolo 167, 179, 180

Indústria cultural 43, 44, 46, 47, 49, 50, 53

Infância 31, 63, 149, 151, 157, 201

Interação 22, 58, 77, 96, 98, 99, 177

Invisibilidade do ser 27

J

Jahiliya 1, 2, 3, 4, 7

Jornais 9, 10, 11, 80, 81, 82, 87, 88, 92, 93, 94, 95

Jovens mediadores 96, 99, 100

K

Kene 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 182

L

Leitura literária 96, 97, 101, 114

Literatura contemporânea 29

Literatura infantil 106

M

Machado de Assis 12, 13, 14, 43, 44, 46, 51, 52, 53, 80, 83, 85, 86, 89, 91, 95

Maranhão 9, 10, 14, 15, 62, 67

Maria Firmina dos Reis 61, 62, 64, 66, 67

Mário de Andrade 131, 132, 133, 135, 139, 140, 141, 143, 147, 148

Mímesis 68, 69, 74, 75, 76, 78

Morfologia lexical 106, 108, 115

Música popular 9, 10, 12, 15, 45, 46

N

Neologismos 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114

Neurociência 54, 55, 56, 59, 60

O

Onto-epistemicídio 184

P

Pandemia 27, 100, 102, 116, 117, 123, 124, 126, 127, 129

Poesia árabe 1, 7

Povo indígena 184

Povo negro 184, 185, 191, 194, 195, 198, 199, 206

Primeiras estórias 149, 150, 151, 157


U

Um marido ideal 16, 18

Úrsula 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2022